

CAPÍTULO I

REVISÃO DA LITERATURA

1.1- ORIGEM DO ANDEBOL

Nem sempre foi fácil determinar com precisão as origens dos vários desportos que hoje em dia nos atraem, quer como praticantes, quer como simples espectadores, o Andebol não é excepção, considerado um dos mais jovens desportos, tem as suas origens na mais remota antiguidade, onde já se praticava um jogo com algumas semelhanças ao actual Andebol.

1.1.1 Na antiguidade

Já na Grécia se praticava um jogo de bola com a mão, conhecido por jogo da Ucrânia, que Homero cantou na “Odisseia”. Neste jogo de entretenimento, a bola era de lã e devia ser passada à distância, de mão em mão, sem que a mesma tocasse o solo.

Outras cenas de entretenimento semelhante foram retratadas, na Grécia, tendo sido encontrado em 1926, em Atenas, um magnífico baixo relevo que data de 600 anos antes da era cristã e em Diplyon, perto de Atenas, uma representação gráfica num baixo relevo de um túmulo referente a movimentações da modalidade, tal como no Nilo, onde vários arqueólogos recolheram diversos testemunhos.

Ainda nesta época, gregos e romanos testemunharam um primeiro jogo colectivo disputado numa área bem definida, num rectângulo, jogado por duas equipas, cada uma constituída por vários elementos, o qual, os gregos baptizaram-no por Pahiminda, enquanto na Roma Antiga, algo de semelhante tomou a designação de Harpastum. Este jogo, disputado em terra batida era um autêntico combate, individual e colectivo, ao jeito da luta greco-romana, com lesões frequentes dos intervenientes, conforme comprovam descrições da época atribuídas ao romano Claudius Galenus.

Todos estes jogos da antiguidade, tinham como característica, regras pouco claras e tinham como objectivo entreter os mais ricos e abastados, sendo muitas vezes praticados por eles próprios.

1.1.2 Na idade média

Durante a Idade Média os jogos de bola com a mão continuaram a ser praticados, sobretudo na corte, sendo baptizados pelos trovadores como “os primeiros jogos de verão”. Nestes jogos, a bola geralmente era enfeitada com fitas e sinos e tinha como objectivo principal, deslocá-la de um local para o outro. Os frescos do princípio do século XIII, existentes no castelo de Runkelstein, junto de Bosen, comprovam a sua existência, onde cavaleiros jogam este jogo em festas.

1.1.3 Na modernidade

Embora sejam conhecidos diversos jogos de bola com a mão, como já referimos, as origens do Andebol moderno datam, porém, de finais do século XIX.

Assim, nos finais do século passado, em 1890, Konrad Koch, professor de ginástica alemão, criou um jogo, usado como complemento de trabalho, denominado “Rafballspiel”, com algumas características do actual Andebol.

Também na Checoslováquia, praticava-se já há muito tempo um jogo popular e semelhante ao Andebol, o “Hazena”, regulamentado em 1905 e praticado por equipas formadas por sete jogadores.

Em 1904, na Dinamarca, o professor Ordrup Høger Nielsen, divulgou um jogo que veio substituir o futebol, que segundo este professor partia muitos vidros. Tendo publicado em 1906 as primeiras regras, denominou-o de “Handbold”.

No entanto, o Uruguai reivindica para si o jogo, hoje tão popular em todo o mundo, atribuindo a sua criação ao professor de Educação Física António Valeta, o qual o denominou de “balon”, sendo uma mistura de rãguebi, basquetebol e futebol, praticado no ano de 1914 a 1916. Face à popularidade alcançada, em 1918, disputou-se a primeira partida oficial no Estádio Higiene e Saúde de Montevideu.

Os uruguaios, como forma de explicar a chegada deste jogo à Europa, afirmam terem sido alguns marinheiros alemães pertencentes a vários navios detidos no Porto de Montevideu que, ao iniciarem-se as hostilidades da Primeira Guerra Mundial e internados em campos de fixação, e como praticantes de Educação Física, tomaram contacto com o “balon” e desde logo se entusiasmaram. Mais tarde, ao serem repatriados, teriam difundido aquele jogo, e teria sido o professor Karl Schelenz o autor

da compilação das suas regras, dando origem à suposição de terem sido os alemães os criadores do Andebol de onze. Em defesa desta ideia, temos o facto de, em 1936, a própria Federação Internacional de Andebol Amador (IAFH), criada a 4 de Agosto de 1928 e facilitadora do ingresso do Andebol nos Jogos Olímpicos de Berlim, ter nomeado o professor Valeta sócio honorário.

Também na Alemanha, em plena guerra mundial (1917), Wasc Heiser, professor alemão de ginástica feminina, inventou um jogo exclusivo para raparigas, o “Torball”, por considerar que as raparigas, já tantas vezes injustamente desprezadas, tinham também o direito ao jogo. Como tal, este jogo foi concebido próprio para raparigas tal como se defendia na época, e as suas regras obedeciam igualmente às ideias de convivência social. Sendo assim, as jogadoras não deveriam andar aos pontapés à bola nem de andar aos encontrões, deveriam sim, apanhar a bola com a mão uma vez que esta atitude era tipicamente feminina, considerando-se que o lançar a bola com a mão era já uma concessão, sendo-lhes exclusivamente proibida a luta entre duas adversárias pela posse de bola.

Dois anos mais tarde, o professor de desporto Karl Schelenz, também de origem alemã, apresentou a sua modalidade de Andebol para homens. Contudo, este professor considerou que esta modalidade só poderia interessar a rapazes e a homens se fosse desfeminizada. Assim, foi necessário alterar as regras, passando a luta pela bola a ser autorizada e a relação homem a homem encorajada. Este jogo tomou como base, as regras inventadas para o futebol tais como: as dimensões do campo e número de jogadores. No entanto, uma diferença se tornou evidente desde o início entre o futebol e a nova modalidade, pois esta, ao ser jogada com a mão, era mais precisa atingindo o seu objectivo muito mais frequentemente.

A 1 de Fevereiro de 1920, duas equipas da Associação de Ginástica Gusth Muth de Berlim disputaram um jogo pelas novas regras de Karl Schelenz. Nesta altura, algumas senhoras começaram a achar que o jogo para raparigas de Heiser era demasiado delicado e começaram a tentar jogar como os homens, pelo menos, seguindo as suas regras.

Outros países adoptaram também as regras de Schelenz e como consequência estabeleceram-se os primeiros contactos internacionais. Assim, a 3 de Setembro de 1925 em Halle-Saale ocorreu o primeiro jogo internacional na história do Andebol, saindo derrotada a equipa alemã, que perdeu 3 a 0 frente à selecção austríaca.

Segundo Gonçalves (2003), Schelenz foi, sem dúvida, o responsável, como treinador, pelo desenvolvimento desportivo do Andebol na Alemanha, Áustria e Suíça.

De qualquer modo, e apesar das muitas dúvidas sobre as origens do jogo de Andebol, podemos afirmar que o seu grande desenvolvimento e expansão deu-se nos países de Leste, Centro e Norte da Europa.

1.2- EVOLUÇÃO DO ANDEBOL

1.2.1 Do Andebol de onze ao Andebol de sete

Fruto da sua precisão, rapidamente esta modalidade ganhou popularidade proporcionando momentos de grande espectacularidade, e como tal, foi incluída nas Olimpíadas de Berlim (1936), sendo considerada modalidade eleita, pelo Comité Organizador. Neste evento, participaram seis países nomeadamente: a Alemanha, a Áustria, os Estados Unidos da América, a Hungria, a Roménia e a Suíça, tornando-se campeã olímpica a equipa Alemã, enquanto que a Áustria e a Suíça se contentaram com os lugares secundários. Nesta época, a Áustria e a Alemanha eram os países que dominavam na modalidade, no entanto, após a Segunda Guerra Mundial, essa liderança passou para os países Escandinavos.

Entretanto, fruto do clima rigoroso dos países Norte e Centro da Europa, durante o Inverno, a prática de modalidades desportivas de exterior era interrompida. Assim sendo, houve necessidade de se criar uma forma alternativa do jogo, que pudesse ser praticada nos ginásios durante os meses frios, e que servisse de preparação para as equipas, para que estas mantivessem a sua forma desportiva e permitindo o seu regresso à competição na sua plenitude. Esta versão reduzida do jogo, tinha como característica, ser composta por sete jogadoras em campo por equipa, tal como no “Raffballspiel” ou no “Hazena”, sofrendo no entanto algumas adaptações em relação às regras. Esta nova modalidade, passou a ser designada por Variante ou Andebol de sete ou de Sala ganhando a sua expressão e adesão, quer em termos de número de praticantes, quer de espectadores.

Durante um período de pouco mais de 40 anos, as duas modalidades tiveram um percurso paralelo de coexistência, durante o qual, a predominância do Andebol de sete, com o decorrer dos anos, se foi acentuando. Contudo, a partir dos anos cinquenta, o Andebol clássico ou de onze, começa a decrescer de interesse, ao contrário da sua

Variante de sete, que recebe um forte impulso devido às suas características de velocidade e dinamismo, para além da comodidade dos espectadores e jogadores. Se, inicialmente, a Variante era considerada como um complemento de preparação para o Andebol clássico, a partir dos anos sessenta, inverteu-se a situação, sendo os praticantes de ambas as modalidades os mesmos, torna-se evidente a clara inter-influência, a nível técnico, em ambos os sentidos, compreensivelmente, mais forte da Variante em relação ao estilo clássico.

No ano de 1936, realizou-se o primeiro Campeonato do Mundo de Andebol de 11, a nível masculino enquanto que em, 1938, na Alemanha, realizou-se pela primeira vez, o mesmo campeonato, conjuntamente em onze e em sete, a nível masculino, sendo a Alemanha a vencedora em ambas as competições. Realizaram-se assim, sete Campeonatos Mundiais do andebol de onze, sendo o último, em 1966, já numa fase de decadência, somente com a participação de 6 equipas nacionais. No que respeita ao Andebol feminino, o primeiro Campeonato do Mundo na modalidade de onze ocorreu em 1949, enquanto que o de Andebol de sete, só apareceu cerca de vinte anos mais tarde, em 1957.

A partir de 1966, o Campeonato do Mundo passou a ser organizado unicamente para a modalidade de sete, e como resultado da sua popularidade, foi reintroduzido, após a suspensão da actividade andebolista a nível internacional, fruto das hostilidades da segunda guerra mundial, somente em 1972, nos Jogos Olímpicos de Munique para o género masculino e em 1976, nos Jogos Olímpicos de Montreal para o género feminino.

Em 11 de Julho de 1946, reúne-se em Copenhaga (Dinamarca), um conjunto de países com a intenção de dissolver a então existente I.A.H.F. e formar a actual Federação Internacional de Andebol (IHF). Este é o momento fulcral a partir do qual se dá uma grande revitalização da modalidade, a Variante de sete.

Após a Segunda Guerra Mundial, com a criação dos campeonatos nacionais e internacionais, o Andebol de sete afirmou-se definitivamente como desporto pelas suas características peculiares e únicas, por ser praticado durante todo o ano e pela grande emoção que transmite aos participantes e espectadores, em virtude de haver muitos golos.

1.3- O ANDEBOL EM PORTUGAL

Também em Portugal, tal como na Europa, esta modalidade surgiu em dois momentos quer se tratando do Andebol jogado no feminino ou no masculino. Contudo, o Andebol foi sofrendo algumas alterações, até chegar às formas que conhecemos actualmente.

1.3.1 O Andebol de onze

Já em 1914, na cidade do Porto, se praticava um jogo muito semelhante ao Andebol a que se chamava o «Malheiral», nome que deriva do seu criador, o professor de Educação Física, Porfírio Malheiro. Quase simultaneamente, o jogo de Andebol começou também a ser conhecido em Lisboa.

Contudo, no nosso país, esta modalidade apareceu na cidade do Porto, nos finais de 1929, por intermédio do desportista alemão, Armando Tshopp, responsável também pela divulgação das regras do Andebol em território português, em Novembro de 1929, sendo publicadas no jornal “Os Sports”.

O primeiro jogo entre duas equipas portuguesas de andebol, realizou-se na cidade banhada pelo Douro, no dia 5 de Outubro de 1930, colocando frente a frente o Futebol Clube do Porto e o Sport Clube do Porto, surgindo a seguir o confronto entre o Estrela e Vigorosa e o Académico Futebol Clube, passando estes a marcar presença no arranque da modalidade no país. O primeiro torneio oficial, com estas quatro equipas, decorreu entre 19 de Outubro e 16 de Novembro de 1930, tendo como organizador o Estrela e Vigorosa, no qual o Futebol Clube do Porto bateu na final o Sport Clube do Porto por 9-1.

Em Lisboa, esta modalidade surgiu um pouco mais tarde, decorrendo o primeiro encontro oficial, entre o Centro de Armas e Desportos e o Grupo Desportivo das Avenidas, a 1 de Novembro de 1931. No entanto, a 25 de Novembro de 1931, é em Lisboa que se verifica a primeira constituição de agrupamento de Clubes, com a presença de representantes de nove agremiações (GD “Os Treze”, Atlético Clube Lisbonense, Centro de Armas e Desportos, Desportivo das Avenidas, Portugal FC, Hockey CP, Academia Recreativa de Lisboa, Lisboa Basket e Cascais SC), fundando-se assim, a Associação Lisbonense de Hand-Ball, mais tarde, denominada de Associação

de Andebol de Lisboa. Pouco tempo depois, a 29 de Março de 1932, nasceu a Associação de Andebol do Porto, com 10 Clubes fundadores (Futebol Clube do Porto, Clube Desportivo do Porto, Vilanovense, Porto Atlético, Fluvial Portuense, Estrela e Vigorosa, Desportivo Nun'Álvares e Sporting Clube Araújo).

Nos anos seguintes, tanto a norte como a sul, foi notório o crescente aumento do número de clubes na história do Andebol. Destacando-se os seguintes Clubes: Liberdade, Operário, Sporting, Benfica, Internacional, Belenenses, Carcavelinhos, Marvilense e Ateneu da cidade Lisboaeta e Boavista, Desportivo de Portugal, Leça, Fontainhas, Leixões, Senhora da Hora, Porto Andebol, Gaia e Candal da cidade Portuense.

Fruto da dificuldade de qualquer equipa viajar do Porto a Lisboa ou vice-versa, a competição era claramente de cariz regional, com os clubes locais a jogarem entre si, evidenciando-se o domínio do FC Porto a norte, enquanto, a sul, o Sporting ia cimentando a superioridade perseguido pelo Académico e por os “Treze”.

A nível de selecções, o primeiro confronto entre Lisboa e Porto ocorreu no dia 10 de Junho de 1934, no campo do Ameal, vencendo a selecção do Porto por uns expressivos 6-1. No encontro da volta, em Lisboa, a 15 de Julho do mesmo ano, no Estádio do Lumiar, novo triunfo dos portuenses por uns tangenciais 5-4. Só na quarta partida, novamente no Lumiar, a 13 de Janeiro de 1935, a selecção lisboeta conseguiu a primeira vitória, por 8-3.

Apesar do crescente entusiasmo pela prática da modalidade, a nível técnico mantinha-se estacionário, fruto da falta de contacto internacional e de treinadores competentes. Porém, a partir de 1937, as cidades de Lisboa e do Porto começaram a ser visitadas com frequência por formações militares alemãs que se deslocavam nos grandes navios da esquadra de Hitler. Assim, nesse ano, efectuaram-se alguns jogos contra as melhores equipas nacionais, dando assim um valioso contributo para a melhoria do nível do Andebol português. Das equipas que nos visitaram, destaca-se a do navio de guerra Graf Spee, da qual faziam parte excelentes jogadores, um dos quais considerado o melhor jogador da equipa campeã olímpica de 1936.

Foi com estes jogadores que entre nós foram introduzidas acções técnicas dos três passos, remate na passada e mudança de mão, e pela primeira vez observadas em Portugal, uma vez que antes da visita do Graf Spee, os jogadores portugueses rematavam parados e com condução lateral. Em 1942, novo contributo foi dado pela equipa Suiça do B.T.V.Arau, que apresentou, pela primeira vez, o ataque planeado e a

defesa 6-0. Mais tarde, em 1946, esta mesma equipa, na altura considerada uma das melhores do mundo, regressou a Portugal, defrontando e vencendo o Porto, por apenas 10-8, num jogo em que os portugueses demonstraram ter assimilado ensinamentos anteriores.

A nível internacional, a 1 de Janeiro de 1945, no Campo das Salésias, verifica-se o primeiro confronto entre a selecção de Lisboa e a selecção de Madrid, vencendo Lisboa por 8-1, visita retribuída a 25 de Fevereiro do mesmo ano sob o comando de Acácio Rosa, em que novamente saiu vencedora a selecção lisboeta pela diferença de 6-4.

No que diz respeito à selecção nacional, a sua estreia ocorre 3 anos depois, a 30 de Maio de 1948, aquando da participação no 2º Campeonato do Mundo de Andebol de onze. A apresentação da equipa portuguesa, sob o comando de Acácio Rosa, ocorreu na cidade francesa de Niort, frente à França, vencendo esta última por 6-3, confronto que evidenciou a pouca ou nenhuma experiência dos atletas portugueses em jogos internacionais, tornando-se claro o desconhecimento da tática do “muro”, ou seja, uma defesa composta por 10 jogadores. Esta participação foi proveitosa em termos de aquisição de conhecimento, permitindo à selecção portuguesa adaptar a sua forma de jogar em confrontos internacionais, conhecimentos que permitiram a vitória nacional, frente à França, por 7-6, em 29 de Maio de 1949.

1.3.2 O Andebol de sete

O Andebol de sete começou a ser conhecido, no nosso País, em 1949, por intermédio do senhor Henrique Feist, alemão residente há muito em Portugal, em que numa das suas viagens à Alemanha, ficou entusiasmado pela beleza da nova variante (7).

Apesar de o Andebol de onze estar fortemente enraizado, tanto a norte como a sul, homens de sempre do Andebol, como Henrique Feist, Acácio Rosa, Salazar Carreira ou Anastácio Teixeira lutaram pela divulgação do novo jogo incentivando os clubes a aderirem em massa. Assim, só na época de 1950/1951 se disputou o 1º Campeonato regional de Andebol de sete, tornando-se a formação do Sporting, a primeira campeã regional da história do Andebol de sete e campeã nacional, no primeiro título discutido na época de 1951/1952. Na cidade do Porto, onde as coisas tardaram a rolar, o primeiro título regional só se discutiu na época de 1952/1953, com a vitória do

Salgueiros, arrebatando igualmente o primeiro título nacional, sucedendo a equipa do Sporting na lista dos campeões.

A crescente popularidade do Andebol de sete, pela sua rapidez e espectacularidade, também no nosso país, levou à gradual extinção da Variante de onze, e desde há alguns anos deixou-se completamente de a praticar. Contudo, o Porto demonstrou-se mais conservador quanto à extinção da mesma. Assim, enquanto Lisboa discute o seu último regional na época de 1968/69 o Porto ainda aguentará o seu campeonato até 1975/76.

A nível internacional, Portugal efectua o seu primeiro jogo de Andebol sete, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, defrontando a Suécia, tendo sido vencido por 7-18, sendo de grande importância para o desenvolvimento do jogo em Portugal, principalmente, no que diz respeito aos aspectos técnicos e táticos e à técnica do guarda-redes.

Os últimos anos foram, na realidade, fundamentais para o crescimento da modalidade no nosso País, onde se destacam a conquista de títulos, aumento de praticantes e melhoria de espectáculos, os quais levaram o Andebol a uma posição de relevo no país.

1.3.3 O Andebol feminino

Fruto de diversas questões culturais, que sempre colocaram a mulher numa posição de relevo na sociedade e sendo o desporto o reflexo dela, rapidamente se compreende o facto, do Andebol jogado no feminino surgir mais tarde. Contudo, os tempos revolucionários, após o 25 de Abril de 1974, foram fundamentais, libertando as jovens portuguesas para a modalidade que, até aí, parecia ser tipicamente masculina.

Só na época de 1974/1975 se disputou o 1º Campeonato de Andebol de sete, tornando-se a formação do Belenenses a primeira campeã da história do Andebol de sete a nível feminino.

A primeira competição oficial, Taça de Portugal, decorre na época de 1975/76 saindo vencedor as atletas do Belenenses, na final realizada em Leiria, onde bateu a equipa da Académica de Coimbra, por 18-7. Na primeira meia dúzia de anos, o número de clubes rapidamente aumentou, surgindo um pouco por todo o lado: Belenenses, Sporting, Liceu Maria Amália, Liceu de Oeiras, Benfica, Almada, Torres Novas,

Académico do Porto, Esperança de Lagos, Beira-mar, União de Leiria, Espinho e Marítimo do Funchal.

Ao longo dos anos, vários são os clubes que brilharam ou brilham no feminino. Como tal, o Benfica, de 1985 a 1993 venceu oito títulos na primeira divisão entre 10 possíveis e a nível de Taça de Portugal saiu vencedora por quatro vezes, e por duas, referente à Super taça. A partir de 1993, a supremacia passou para a equipa madeirense, Sports Madeira, vencendo o campeonato da primeira divisão por quatro épocas consecutivas. Na época de 1998/1999, outra equipa da Madeira passa a dominar o Campeonato Nacional da Primeira Divisão, arrecadando o título de campeã nacional até à presente data, vencendo igualmente a Taça de Portugal e a Super taça.

Ao contrário do que se verificou com os masculinos, as atletas femininas não tiveram de esperar uma eternidade para terem a sua primeira internacionalização. O primeiro encontro realiza-se a 3 de Novembro de 1979, em Lisboa, frente à França-B, vencendo esta por 17-10. No entanto, rapidamente as experiências sucederam-se e em menos de uma década a selecção principal feminina realizou mais de meia centena de jogos internacionais.

A nível das selecções nacionais, já não se observa grande disparidade aquando da realização de confrontos com outros países, fruto do excelente trabalho desenvolvido permitindo deste modo, alcançar diversos resultados positivos.

Nos últimos anos, os excelentes resultados alcançados nas competições mais jovens das principais provas internacionais permitem prever um futuro promissor para o Andebol feminino português, salientando-se que, Portugal possui actualmente uma jogadora de grande gabarito internacional, Juliana Sousa, eleita melhor atleta do Mundial de Juniores 1997. “Começou-se tarde mas valeu a pena a aposta determinada no feminino” (Gonçalves, J. 2003).

1.3.4 O Andebol em Leiria

O Andebol em Leiria desde há muito tempo tem tradição. No entanto, esta modalidade esteve, inicialmente, sob o comando da Associação dos Desportos, instituição que na época dirigia todas as modalidades desportivas existentes na cidade do lis. Só no ano de 1987, mais concretamente a 29 de Abril, era então fundada a Associação de Andebol de Leiria. Faziam parte da primeira comissão os senhores: Francisco Manuel Zúquete Fernandes, Joaquim Nazaré Monteiro e Fernando Humberto

Jesus Bernardes. No entanto, a tomada de posse, por parte da comissão supracitada, só ocorreu sensivelmente três meses depois, a 3 de Julho.

O primeiro campeonato distrital de Andebol, oficialmente reconhecido, ocorreu na época de 1974/75, a nível masculino.

Os anos que se sucederam foram fundamentais para modalidade passando a ser a prática desportiva número dois dos leirienses, sendo o crescente aumento do número de praticantes e de espectadores prova disso. Com todo este panorama de desenvolvimento, eram inúmeros os novos clubes que surgiam, e dias de competição, era certa a presença, nos pavilhões, de simpatizantes que entoavam cânticos e frases de apoio às suas equipas, tornando nítida a rivalidade entre estas, não só no recinto de jogo como também nas bancadas.

1.3.4.1 O Andebol feminino em Leiria

Também em Leiria, verificou-se um atraso na inclusão do género feminino, em relação ao género masculino, de aproximadamente duas épocas, no campeonato oficial da modalidade. Assim, na época de 1977/78, o União Desportiva de Leiria era o primeiro grande vencedor da competição a nível feminino, tendo como adversários o Atlético Clube Sismaria, o Cister Sport de Alcobaça e o Colégio Conciliar de Maria Imaculada a competir no mesmo campeonato.

No entanto, a formação da estação, acompanhada por um grande espírito de bairrismo passou a ser a favorita nos campeonatos distritais, alcançando por diversas vezes o título de campeã e atingindo por diversas vezes o quarto e quinto lugares no âmbito nacional. Por volta do ano de 1983, o União Desportiva de Leiria, volta a dominar os campeonatos em que participa passando a apostar na formação de jovens.

Com diversos clubes na cidade, poucos são os apoios vindos da Câmara, sobrevivendo os clubes sobretudo, graças aos apoios privados, não sendo as condições de treino as melhores e a falta de pavilhões uma realidade. No entanto, tal situação, não impediu que as atletas melhorassem o seu nível técnico e a nível tático. Assim, nos anos 90 os clubes rivais resumem-se a três: Clube Académico de Leiria, Juventude Desportiva do Lis e União Desportiva de Leiria. No entanto, a partir de 1996 é notória a supremacia da Juventude Desportiva do Lis sobre as suas rivais. Para tal, muito contribuiu a integração em massa de atletas oriundas, sobretudo, da União Desportiva de Leiria.

Contudo, com o passar dos anos, verifica-se um menor número de atletas a competir a nível sénior. Tal situação é fruto da inexistência de um pólo universitário forte na cidade o que obriga inúmeras atletas a deslocarem-se para outras cidades.

Assim, actualmente, a Associação de Andebol de Leiria conta com 2987 atletas, sendo 1196 do sexo feminino. Das 1196 atletas, apenas 50 são do escalão sénior, distribuídas por 4 clubes do distrito: Cister Sport de Alcobaça (Alcobaça), Colégio João de Barros (Meirinhas-Pombal), Juventude Desportiva do Lis (Leiria) e S.I.R. 1º de Maio (Picassinos-Marinha Grande).

1.4- HISTÓRIA DOS CLUBES

1.4.1 História da S.I.R 1º de Maio

A Sociedade de Instrução e Recreio 1º de Maio, foi fundada a 1 de Maio de 1921 e teve como fundadores os sócios: Augusto Gomes, Manuel Gomes, Manuel Francisco Agostinho, João Moiteiro, Rodrigues Oliveira e José da Silva Roque. A sua primeira sede era em casa alugada a Francisco Agostinho. Contudo, no ano de 1932 foi construído um barracão anexo para espectáculos e só em 1940 a sede sofreu a primeira remodelação construindo-se então uma parte nova que, em 1965 seria ampliada. Em 1972 foram, finalmente compradas as velhas instalações assim como os terrenos anexos e em 1978 iniciaram-se as obras do actual pavilhão gimnodesportivo onde se têm realizado torneios de futebol salão, de boxing, de full-contact, de lutas amadoras e de andebol.

No campo cultural, logo nos primeiros tempos foi criada uma escola de música, extinta em 1924, dirigida por José da Silva Roque. O teatro e o folclore também conheceram tempos áureos na colectividade, fundando-se igualmente uma biblioteca que ainda hoje se mantém em funcionamento. Em 26 de Maio de 1926, foi inaugurado um cinema dentro da sede, sendo inicialmente as projecções feitas numa pequena máquina, que em 30 de Janeiro de 1966 foi substituída por uma outra mais moderna possibilitando a projecção de qualquer filme.

No campo desportivo, a S.I.R. 1º de Maio teve um núcleo de xadrez, dirigido por José Martins Saraiva, do qual faziam parte os jogadores picassinenses de grande valor António José Rodrigues Ruivo e José Renato Ruivo Martins Saraiva. Foi nesta modalidade, que o clube mais se destacou ao nível nacional tendo visto esta equipa por

seis anos consecutivos (1976 a 1983) arrebataram o título de campeã distrital na modalidade. Disputou igualmente a Taça de Portugal, tendo chegado aos oitavos de final em 1979 e aos quartos de final em 1980. No entanto, este núcleo, por desacordo com a Direcção da colectividade, dissolveu-se em 1983.

Além dos tradicionais jogos de salão como o ténis de mesa e o bilhar, o clube de picassinos pratica futebol de salão, andebol e voleibol. Mais recentemente, também se praticam lutas amadoras, ginástica infantil e feminina, atletismo, damas, badmington e pesca. Contudo, é no andebol que se verificam melhores resultados.

1.4.2 História da Juve

A Juventude Desportiva do Lis, foi fundada a 12 de Dezembro de 1985 e teve como principais fundadores, os sócios: Célia Afra e Pedro Afra. A sua primeira sede funcionou numa casa camarária situada no Largo de São Pedro. Os locais de treino eram em diversos pavilhões espalhados pela cidade do Lis em função do protocolo realizado com a Câmara Municipal e restantes clubes da cidade.

Com o crescente desenvolvimento do clube, e tendo como principal apoio, subsídios doados por empresas privadas, o clube passa a oferecer outras modalidades, para além do andebol, como forma de angariar mais verbas. Assim, surgem classes de ginástica de manutenção, de aeróbica, de funk, de natação e durante o dia, a sede funciona como ATL.

Em termos andebolísticos, face ao crescente número de praticantes e com os êxitos alcançados a nível distrital e nacional são inúmeros os atletas a integrarem selecções regionais e nacionais. Com todo este desenvolvimento, o clube passou a ter como objectivo número um, construir uma “casa”, como forma de fornecer melhores condições de treino aos seus atletas, já que estas nem sempre eram as melhores.

Com muito esforço, no ano 2001 foi inaugurado o Centro de Estágio da Juventude Desportiva do Lis, situado em São Romão. Esta estrutura, possui, o recinto de jogo, quatro dormitórios, um bar, um ginásio com sala de musculação, sala de fitness, sala de danças de salão e um centro de fisioterapia. Assim, este clube não só passou a ter melhores condições de trabalho como conseguiu também rentabilizar os espaços construídos, propondo actividades aliciantes à população local.

Face às melhorias das condições de treino, este clube torna-se o expoente máximo da modalidade na cidade, disputando os principais campeonatos e vencendo inúmeros torneios a nível nacional.

Presentemente, tem todos os escalões a disputar o campeonato nacional, sendo o escalão sénior feminino uma referência já que milita na primeira divisão há quatro épocas e disputa simultaneamente, uma competição europeia.

1.5- A MULHER E O DESPORTO

A “Mulher e o Desporto” constituem um tema que tem suscitado debates, conferências, congressos e polémicas, ao longo de mais de cem anos.

Ao longo do desenvolvimento do fenómeno desportivo, a mulher teve sempre menos oportunidades para a prática de actividades físicas do que o homem. Tal facto é apoiado por Bayer, segundo este, o desporto, domínio privilegiado dos homens, foi sempre concebido e gerado pelo homem para o homem.

1.5.1 História

Já nas sociedades antigas, à mulher era-lhe atribuído um papel secundário, baseando-se as suas funções primordiais no âmbito da casa e da família.

Assim, na Grécia antiga, a educação das raparigas tinha como objectivo formar excelentes mães e obedientes esposas, estando-lhes reservado em casa um espaço especial, o gineceu, espaço este que só elas teriam acesso. Mesmo o exercício físico, nesta época, tinha uma componente educativa, ligada à maternidade, em que o objectivo era fazer com que as mulheres pudessem dar filhos mais vigorosos e saudáveis à nação. Como tal, era expressamente proibida a sua participação nos Jogos Olímpicos, tanto como atleta tanto como espectadora correspondendo o seu desrespeito à aplicação da pena de morte.

Na Idade Média, o papel da mulher continua a ser subalterno em relação ao homem, mantendo-se a segregação das mesmas, assumindo contudo, novas formas. Assim, às mulheres era-lhes reservada a presença, apenas como espectadoras dos torneios medievais, das justas ou das touradas, cabendo aos homens competir.

No Renascimento, não se verificam alterações do papel da mulher no campo do desporto estando-lhe reservadas as actividades de “Rezar, Cozinhar e Fiar” (Lopes,

1986). No Romantismo, as mulheres que ousassem experimentar a prática desportiva eram conotadas com as mulheres de má fama. A frase de Nietzsche “o homem nasceu para a guerra e a mulher para descanso do guerreiro” (Santos, J. 2004) ilustra bem a imagem que era atribuída à mulher na sociedade de então.

Todos estes pensamentos machistas, atravessaram toda a história da humanidade, começando a ser questionado nas sociedades pós-industrial, fruto de lutas emancipalistas das mulheres, que progressivamente vão ganhando espaço de afirmação na sociedade. Assim, é nos finais do século XIX, momento em que o fenómeno desportivo desenvolve uma efervescência invulgar por toda a Europa, Estados Unidos e África, e início do século XX que se fundaram dois Clubes em Portugal (Lisboa e Póvoa do Varzim) que contribuiram para a intensificação feminina nos desportos. Esta intensificação nos desportos com cariz de divertimento, mantido até finais da Primeira Grande Guerra verifica-se sobretudo entre as mulheres de níveis mais favorecidos da sociedade que reconhecem os seus benefícios no domínio físico e psíquico da vida. Nesta altura, homens e mulheres praticam as mesmas modalidades não se verificando qualquer condenação ou censura por tal facto. Só mais tarde é que se “edificaram modelos femininos e masculinos” (Hasse, 1992) de práticas desportivas que se baseavam na separação dos grupos e na diferenciação de práticas para cada um deles.

Ainda no século XIX, os progressos de espírito traçam uma sociedade mais justa marcada pelas aspirações da democracia e reconhecimento da igualdade dos povos e das raças. Como tal, “ a prática social adapta este discurso e sujeita-o a uma ligeira transformação que se traduz na igualdade dos sexos” (Hasse, 1992) Nas mudanças verificadas neste período, os médicos assumem, mais uma vez, um papel fundamental ao realçarem a importância do movimento para a vida, recomendando a actividade, o ar livre, o exercício físico e os desportos, como instrumentos favoráveis à aquisição de saúde e de uma perfeita higiene.

Tais propostas visam, em especial a mulher, “na medida que assinalavam o valor de uma sólida constituição, indispensável na geração de seres mais aptos a enfrentar a luta pela vida.” (Hasse, 1992). Esta importância que o desporto assume na sociedade, não foi estranho às mulheres, que compreenderam que este campo é também, um mundo de sensações intensas onde poderiam experimentar não só as suas capacidades físicas, mas ainda, o seu carácter individual. Assim, a mulher começa a libertar-se de tabus e de preconceitos e ingressa no mundo do desporto como forma de fortalecer o corpo para um parto bem sucedido.

Na segunda década do século XX, ao mesmo tempo que se mantém a valorização do desporto como um meio de desenvolvimento físico saudável e indicado, sobretudo para as mulheres e que se enaltece o seu contributo para a estética feminina, registam-se sinais evidentes de um certo incómodo pela presença das mulheres no mundo competitivo. Relativamente a tal facto, argumentava-se que este tipo de participação comprometia o sentido estético caindo no ridículo de certas mulheres suarem emitindo deste modo odores desagradáveis e proporcionando um desagradável espectáculo. Tais argumentos são apoiados por alguns elementos sociais que criticam tais posturas praticadas por determinadas mulheres defendendo que estas deveriam ter um papel activo na dinamização e apoio das Sociedades de Recreio, engrandecendo as mesmas com todas as suas iniciativas. Contudo, em Portugal, a participação feminina no desporto de competição mantém-se aos mais altos níveis até 1952.

Após a Segunda Grande Guerra, o fenómeno desportivo é realmente uma área essencialmente masculina, e muito contribuíram um conjunto de capacidades e de características atribuídas aos homens.

No desporto moderno, tal como na sociedade, em alguns países a mulher já alcançou um estatuto de igualdade, noutros ainda luta, pelo acesso à prática desportiva, e para isto, muito contribuiu o próprio desenvolvimento da sociedade industrial, com mais disponibilidade de tempo livre e de consumo, mais possibilidades de escolha de estilos de vida e mais preocupações com a saúde e o desfrutar lúdico e hedonístico da vida.

Apesar da evolução das sociedades, as mulheres desempenham e desempenharão sempre, um papel secundário no âmbito do desporto, apoiado por razões, sobretudo de cariz cultural. Pode-se dizer que, “são os símbolos e os valores que os homens nas diferentes sociedades inventam, consciente ou inconscientemente, ou adoptam, por processos equivalentes, que introduzem áreas separadas e privilegiadas de acção, feminina ou masculina...” (Hasse, 1992), sendo “...a masculinidade e a feminilidade dois estereótipos resistentes à transformação cultural, essencialmente no que se refere ao desporto” (Hasse, 1992).

1.5.2 Na sociedade

A sociedade define para cada indivíduo tarefas que determinam modos de vida particulares. A nível de géneros é notória essa divisão (divisão sexual do trabalho),

cabendo à mulher, uma série de funções sociais de menor prestígio. Esta diferença entre papéis tem estado associada a diferenças marcantes dos temperamentos respectivos: a mulher seria de natureza passiva e não agressiva, enquanto a natureza masculina seria mais agressiva e activa.

As diferenças biológicas e anatómicas evidentes entre o homem e a mulher ultrapassaram a barreira cultural, associando a ideia de fraqueza física à mulher e a de força ao homem. Por sua vez, a dicotomia homem-forte/ mulher-fraca determinou expectativas de conduta. Tais diferenças, impõem uma certa limitação à participação da mulher, assumindo o homem funções de liderança nos diferentes domínios da sociedade, não permitindo à mulher igual possibilidade de se afirmar. Contudo, o próprio meio, induz a mulher a formas de expressão estereotipadas e específicas, em detrimento de formas mais variadas e com outro grau de exigência. Os jogos lúdicos, propostos às raparigas, normalmente jogos de interior (bonecas, arranjos de casa, etc.) preparam-nas para o seu futuro papel- mães e donas de casas, enquanto que aos rapazes são destinados jogos que permitem a liberdade de imaginação, criatividade e iniciativa.

Assim, sendo o desporto o reflexo da sociedade e nela estarem atribuídos determinados papéis, nomeadamente os inerentes ao mundo do trabalho e frequentemente em simultâneo, o de dona de casa e de mãe que lhe exigem enormes responsabilidades e esforços, compreende-se que a mulher não disponha de igual possibilidade de usufruir de tempos livres, afastando-a conseqüentemente das actividades físicas e de outras que pudessem contribuir para a sua realização pessoal.

Hoje em dia, vemos ainda muitas mulheres a abandonarem os seus projectos de realização pessoal em prol de uma certa segurança familiar. Para muitas mulheres, a educação dos filhos assume primordial importância inviabilizando deste modo, a sua própria realização profissional. Sendo assim, o papel da mulher terá de ser repensado, pois os projectos a dois não podem inviabilizar os sonhos de realização individual de qualquer um dos cônjuges.

1.5.3 A cultura

A nossa cultura, formula representações estereotipadas do corpo feminino, tendo este, como principal função o prazer. Assim, a actividade física é encarada pela mulher como um modo de remodelar o corpo, de acordo com os critérios em voga, tais como: combater o excesso de peso, reencontrar o tónus e o vigor, eliminar fadigas e toxinas,

etc. O investimento da mulher, centra-se sobretudo nas práticas extra-desportivas, nomeadamente, centros de beleza, por forma a manter os seus poderes de sedução. No entanto, a andebolista, como toda a praticante de desporto, rompe com o modelo convencional da mulher doce, frágil, submissa, fruto do clima da competição desportiva. Para a desportista, o corpo passa a ser, não só, um objecto de desejo ou meio de reprodução, mas também meio de expressão do seu potencial físico.

1.5.4 A mulher no campo da competição

A nível de competição, não foi impossível às mulheres destacarem-se. Como tal, a sua participação na alta competição é uma realidade social e uma anomalia social. Uma realidade, porque a presença da mulher é observável; uma anomalia social, porque os estereótipos sexuais se mantêm vigentes.

O conflito de papéis para a mulher desportista de competição baseia-se na confrontação dos conceitos do desporto e do feminino. Como tal, a sanção negativa, atribuída à mulher desportista de alta competição baseia-se na noção de que uma participação intensa neste tipo de desporto, devido às suas exigências físicas e psicológicas, é incompatível com a conduta feminina, receando-se que ela se masculinize no seu aspecto e conduta. A solução deste conflito de papéis resolveu-se de forma tradicional, recaindo ou numa retirada prematura do desporto ou na participação preferencial nas modalidades desportivas que se definem como femininas. Esta última hipótese é apoiada pela própria sociedade, que aceita melhor as mulheres que pratiquem modalidades mais compatíveis com a condição feminina e não entrem em contradição com o papel feminino.

1.6- RITOS

Na vida quotidiana, são inúmeros os símbolos, expressões e costumes realizados repetitivamente pelo indivíduo ou pelo grupo no qual está inserido, de uma forma consciente ou até mesmo inconsciente, com determinado significado.

Ora, estando o desporto inserido na sociedade e sendo o reflexo dela, facilmente se percebe, que também no campo desportivo, atletas, dirigentes e simpatizantes realizem determinados ritos. Uma vez que poucos são os estudos referentes à temática

dos ritos, nomeadamente no que se refere ao andebol, modalidade da qual sou federada, decidi debruçar-me sobre a mesma.

No entanto, não é fácil chegar a uma definição de rito consistente e universal, pois trata-se de um conceito transdisciplinar, sendo objecto de estudo por parte de etnólogos, sociólogos, psicólogos sociais, psicanalistas, etologistas e antropólogos. Assim sendo, invocar-se-á o seu sentido nas diferentes disciplinas supracitadas e posteriormente, em função do autor que define o mesmo, bem como algumas noções adjacentes.

1.6.1 O que é um ritual?

Segundo Maisonneuve, o termo ritual relaciona-se com o de rito, ou seja, o rito funciona como componente do ritual. Tal conceito é também apoiado por Titieue (1983), pois entende que “...os ritos integram-se igualmente em formas mais extensas de cerimónias que poderemos designar como rituais e, nesta acepção, este seria simplesmente um conjunto de ritos”.

Mas o termo ritual, também se pode referir ao livro que designa os ritos próprios de uma cerimónia de uma religião ou ainda referir-se a uma “etiqueta” ou um “cerimonial” (é o que nos diz o Dicionário Prático Ilustrado, Lello e Irmão, 1988), o qual também explicita que o rito “é a ordem prescrita das cerimónias que se praticam numa religião”, ou qualquer cerimonial de uma seita ou culto. Trata-se portanto de formas organizadas, de cerimónias codificadas, repetidas, encenadas, estereotipadas que são ligados a uma religião.

No entanto, Maisonneuve, vai mais além. Como tal, este define rituais como um conjunto codificado de práticas, relacionadas com o espaço e tempo da sua ocorrência, que assumem determinado significado para os próprios actores e assistentes, implicando, contudo, o envolvimento do corpo e uma certa relação com o sagrado, ou seja, o corpo é a base, de uma forma directa ou indirecta, para toda a prática ou qualquer intervenção.

Contudo, para Tambiah, o ritual são todas as sequências ordenadas e padronizadas de palavras e actos, expressos por diversos meios, ou seja, difere de Maisonneuve ao não evocar exclusivamente o corpo, como forma de exteriorização de qualquer prática.

Também Goody, antropólogo inglês, entende que o ritual é um comportamento padronizado, tal como o anterior defende, contudo, acrescenta que a relação meios e fins não é racional. Esta ideia é em parte apoiada pelo antropólogo Drever, pois por um lado, também entende que os rituais são comportamentos padronizados praticados por indivíduos, por outro lado, defende que esses mesmos indivíduos acreditam que há uma relação causal entre os seus actos irracionais e o bom resultado ou sorte que obtêm.

Assim, deduzimos que os rituais, tendo como componentes os ritos, se referem a práticas e palavras que, obedecendo a determinada estrutura, sequência e padrão, mantêm uma relação causa-efeito e se exteriorizam de diversas formas.

1.6.2 O que é o ritualismo?

É todo o conjunto de ritos; apego a cerimónias ou formalidades (é o que nos diz Lello e irmão). Pode também ser entendido como o conjunto de ritos e cerimónias seguidos numa dada Igreja, comunidade etc. (é o que nos diz a Enciclopédia Portuguesa e Brasileira). Podemos dizer pois, que ritualismo são todos os comportamentos rituais mais estereotipados, podendo mesmo dizerem-se maquinais.

1.6.3 O que é o rito?

O termo rito, etimologicamente, deriva do latim *ritu*.

Na antiguidade, altura em que predominava a ideia da necessidade do Homem se aproximar da Divindade e de contactar com forças da natureza, os ritos estavam ligados a atitudes, a gestos, a acções. Baseada nesta ideia nasceram certos ritos, que passaram a assumir um papel importante quer na vida ordinária, quer ao nível da própria sociedade.

Várias são as definições de rito, no entanto, num sentido mais geral, o rito é um acto ou conjunto de comportamentos, individuais ou colectivos, que obedecendo a certas regras se repetem segundo um esquema mais ou menos imutável, ou pelo menos têm como objectivo serem repetidos.

No entanto, Birou, define rito como o conjunto das regras definidas para venerar a divindade (culto). Tal definição é apoiada por Lello e Irmão acrescentando ainda a importância da ordenação das mesmas.

Contudo, o rito também pode ser entendido como a ordem prescrita, ou conjunto de ordens, para a realização de quaisquer cerimónias, independentemente do seu

carácter religioso ou não. Pode ainda, referir-se ao uso de símbolos, que representam algo ausente da nossa percepção, ou a um comportamento estandardizado, ou ainda a um código específico que permite que os grupos estabeleçam uma relação, uma comunicação, mas todos reflectem activamente a crença numa situação humana fundamental ou até mesmo, a incorporação de determinados valores.

Os ritos podem ser ainda, manifestações sócio-culturais que ajudam a manter uma determinada comunidade coesa. O carácter repetitivo provoca a consolidação e a exaltação de ordem funcional, criando deste modo, simbolismo específico para cada ocasião. Pode assim, assumir um carácter quase imutável, por permanecer, durante longos períodos, sem sofrer qualquer modificação, sendo transmitidos de geração para geração.

Contudo, o rito não poderá existir sem a partilha de fé (crença) e esta, por sua vez, manifesta-se através de condutas corporais (atitudes, gestos, danças, vocalizações) praticadas por um indivíduo (rito individual) ou por um grupo (rito colectivo), ou seja, qualquer rito, independentemente da sua natureza, serve-se directamente ou indirectamente do corpo como suporte directo ou indirecto da acção.

1.6.4 Conceito de rito segundo várias disciplinas

Para os etnólogos e sociólogos, por ritos, entendem-se as práticas prescritas ou interditas, associadas a crenças mágicas e/ou religiosas, a cerimónias e festividades, baseadas na antítese do sagrado e do profano.

No entanto, a psicologia interpreta-o de outro modo, admitindo que o rito é “um cerimonial instaurado por um indivíduo ou por um grupo social”. (Le Dictionnaire de la Psychologie Moderne, Marabout, Paris, 1969). Uma vez que esta disciplina entende que os grupos sociais têm necessidade de sinais para fortalecer e reavivar a consciência colectiva, podemos dizer então que os ritos podem ter como função, permitir a comunicação emocional entre os membros que o constituem.

Por sua vez, os psicanalistas, apesar de reconhecerem as funções colectivas dos ritos, tal como os psicólogos, mas ao contrário dos psicólogos sociais, centram-se sobretudo, nas acções partilhadas individualmente pelo indivíduo, aquando da realização de situações banais, tendo como característica a repetição e a obsessão.

Contudo, para a etologia, os ritos são consequência de um processo de evolução das espécies, baseada na incorporação de esquemas arcaicos de comportamento que têm como função específica comunicar.

Porém, em qualquer das correntes, os ritos assumem sempre uma especificidade ao nível dos comportamentos, relacionada com situações e regras precisas, tendo como característica a repetição, mas cuja função não é totalmente clara. Contudo, quaisquer que sejam as variedades concretas e as variações no espaço e no tempo, a universalidade dos rituais sociais são uma realidade.

1.6.5 Conceito de rito segundo diversos autores

Assim, Benoist entende que o rito pode ser definido como uma sequência de gestos harmoniosos, associados a necessidades essenciais.

Este mesmo conceito difere para Maisonneuve, pois assume um duplo sentido. Como tal, num sentido mais restrito, refere-se a um culto, a uma cerimónia religiosa, mas num sentido mais amplo, a um uso a um costume. Tais comportamentos, apresentam um cariz negativo por serem rotineiros e estereotipados. Este mesmo autor, refere que os ritos referem-se sempre a comportamentos específicos, relacionados com situações e regras precisas, tendo como característica a repetição, mas cuja função não está implícita.

Para Cazeneuve “o rito é uma acção seguida de consequências reais; é talvez uma espécie de linguagem”. Este autor refere-se à repetição dos ritos, tal como Maisonneuve. Assim, considera que a repetição, bem como o carácter particular da sua pretendida eficácia, são características preponderantes na distinção do rito propriamente dito dos outros costumes. Cazeneuve, entende ainda, que o rito “é um acto que pode ser individual ou colectivo, mas que sempre, mesmo quando é bastante flexível para comportar uma margem de improvisação, permanece fiel a certas regras que constituem precisamente o que há nele de ritual”. Este autor, entende que o rito corre um forte risco de perder o seu valor se sofrer uma modificação repentina. Portanto, tanto para Cazeneuve como para Maisonneuve, o rito reveste-se de um carácter quase imutável ao longo do tempo que o distingue de um simples costume pelo facto de se relacionar com regras e situações precisas.

Por sua vez, Costa entende que o sistema ritual, através dos ritos reactualiza grandes mitos arcaicos e afirma que “os símbolos são a base dos mitos e estes são constantemente actualizados pelos ritos...”

1.7- CLASSIFICAÇÃO DOS RITOS

Classificar os ritos é uma tarefa extremamente difícil e diversificada, visto que é realizada por diversos autores tendo como base diferentes modos de classificar. Assim sendo, podem ser classificados em função do domínio dos actos, dos factos mágicos e religiosos, em função das categorias, positivo e negativo, em função da temporalidade, em função do colectivo ou individual.

1.7.1 Tipos de ritos e respectivos conceitos

QUADRO I.1- TIPOS DE RITOS E RESPECTIVOS CONCEITOS			
Tipos de ritos		Autores	Definição
aflição		Enciclopédia Portuguesa e Brasileira	Utilizados para sanar problemas relativos à menstruação, fertilidade e parto, para mulheres, e falta de sorte na caça, para os homens.
momentos difíceis		Titiev	Apelam ao sobrenatural, com o objectivo de superar uma dificuldade eminente, sendo realizados no imediato sem qualquer programação.
mágico	semelhança	Enciclopédia Portuguesa e Brasileira	Baseiam-se na crença de que a semelhança é o fundamento do efeito.
	contacto		Consideram que é a proximidade ou a ligação que exerce a causalidade pretendida.
purificação		Cazeneuve	Quando se pretende extinguir máculas.
tabus			Quando apontam para a preservação.
transição			Se se tem o objectivo de ordenamento de devir.
Religioso	positivo		Quando se relacionam com as oferendas, orações e comunhão.
	negativo		Quando submetem interdições, jejuns, experiências iniciáticas.
controlo		Referem-se às interdições e receitas mais ou menos mágicas para actuar sobre os fenómenos naturais, controlando ou tentando controlar os mesmos.	
principal		Morris	Esta terminologia é usada por Morris, quando se refere ao auge do jogo, o golo.
negativo		Enciclopédia Portuguesa e Brasileira	Se se baseia na privação de um acto.
positivo			Se se baseia na execução de um acto.
privado			Como a oração interior ou certos ritos corporais.
colectivo			Festividades nacionais ou familiares.
quotidiano			Referem-se a ritos que se realizam diariamente.
confirmatório			Se está ligado a uma mudança de status na sociedade.
calendários		Turner	São cíclicos e associados ao calendário, mais especificamente a pontos culturalmente definidos do ciclo das estações, sendo normalmente do tipo colectivo.
luto		Cazeneuve	Têm como função transformar os mortos em antepassados.
iluminação		Enciclopédia portuguesa e brasileira	Se se concretiza na celebração dos mistérios.

QUADRO I.2- TIPOS DE RITOS E RESPECTIVOS CONCEITOS		
passagem	Gennep	Ocorre nos momentos relativos à mudança e à transição para novas etapas da vida e de status. Estrutura tri-fásica: Fase pré-liminal – Marca o final de um período social, Fase liminal- Fase onde se processam as provas de tipo iniciático, Fase pós-liminal- Marca o início do novo período de tempo socialmente diferente, onde o iniciado assume novas tarefas e adquire novos direitos.
passagem	Gluckman	Ocorre na transição de posições, status e papéis sociais.
	Cazeneuve	Ocorre quando o indivíduo passa de um estado para o outro e a sociedade ou o grupo a que pertence faz questão de assinalar a mesma.
puberdade ou iniciação	Gennep	Ocorre nas transições associadas ao novo ciclo na vida (nascimento, puberdade, morte). Estas transições assumem uma dimensão sagrada, através da cerimónia.
puberdade	Chaplin	Marcam o início ao estado adulto e culturas primitivas. Englobam tipicamente alguma doutrinação das leis tribais, danças, cerimoniais e cerimónia formal de transição.
públicos	Enciclopédia Portuguesa e Brasileira	São cerimónias associadas à puberdade, durante as quais os órgãos genitais podem ser escarificados ou até mutilados.
purificação	Maisonneuve	Reparar os efeitos funestos provocados pelo contacto com a impureza, através do toque, visão ou palavra.
secular		Refere-se ao protocolo ou o juramento dos jurados.
iniciação	Turner	Para meninos e meninas.
sacrificial		Constituem um acto renúncia, de oferenda que une o deus e os seus fiéis.
mimético	Durkheim	Consideram que o semelhante produz semelhante (ex: figuração, invocação, encantamento).
comemorativo		Referem-se a festividades solenes celebradas em lugares sagrados ou festas populares de cariz lúdico e cultural.
	Cazeneuve e Maisonneuve	Têm como objectivo recrear a atmosfera sagrada, representando os mitos através de cerimónias complexas e espectaculares.
expulsão		Ocorre quando há uma ruptura efectiva, ou seja, o indivíduo fazia parte de algo ou de alguma coisa e é expulso não pertencendo mais ao grupo. Tem como característica a forma drástica com que é realizado.
união	Enciclopédia Portuguesa e Brasileira	Se concretiza na união com o sagrado ou a divindade, através do toque, dança, união amorosa e banquete.
funerário		Cerimónias que acompanham a agonia, a morte, as exéquias e o luto que têm como finalidade assegurar o repouso à alma que partiu, de modo a que não venha perturbar a tranquilidade da família.

1.7.2 Função

Segundo Van Gennep, a fé e o culto resultam das crises relacionadas com a existência humana, sobretudo no nascimento, na adolescência, no casamento e na morte. Face a estas crises, surgem os rituais que têm como função, atribuir um significado ontológico às mesmas. No entanto, é de referir que os acontecimentos marcantes das nossas vidas decorrentes do tempo, são de natureza biológica, contudo, condicionam o social, ou seja, por exemplo, o nascimento é marcadamente natural, mas assume uma dimensão sagrada através da realização da cerimónia. Este evento natural implica uma

transição social, cujo sentido de existência ficou patente no ritual. Assim, é de referir que a cada mudança social corresponde determinado ritual como forma de assinalar as mutações ontológicas.

Contudo, os rituais não são exclusivos de uma condição biológica, estendendo-se a outras ocasiões da vida, como acesso a novos cargos ou a momentos que marcam descontinuidades sociais no decurso do tempo tais como: aniversários, festas religiosas, celebrações do novo ano, etc.

Elíade (citado por Garcia), refere-se também às crises humanas considerando que surgem, primordialmente, com a tomada de consciência da ausência de sentido de uma mutação por parte do homem, ou seja, este, perante a possibilidade de alterar algo, de quebrar com o habitual, entra em ruptura. Acrescenta ainda, que a obsessão da causalidade e a sede de conhecimento são a causa dos rituais, mas igualmente o fortalecimento da existência humana.

Maisonneuve refere-se também às crises humanas tal como Elíade defendendo que as condutas rituais permitem canalizar fortes emoções, perante situações que se assumem novas para o indivíduo, ao confrontarem o mesmo com uma possível mudança e com uma certa incerteza provocada pelas mesmas. Acrescenta ainda, que o ser humano, na ânsia de controlar as suas tensões e angústias face às tais situações de mudança citadas, recorre a gestos, sinais, objectivos figurativos, orações etc., pois concede-lhes uma certa eficácia. Maisonneuve acredita que o rito poderá assumir ainda, uma forma de comunicação, nos grupos que partilham os mesmos valores, crenças e sentimentos, sendo ainda um factor unificador dos mesmos.

Como tal, podemos dizer que estas práticas permitem ao ser humano dominar os seus constrangimentos, dando-lhe mais estabilidade e equilíbrio emocional. Assim, uma vez que o ritual é um fenómeno presente na sociedade e sendo o indivíduo um ser, emocionalmente instável por natureza, é fácil compreendermos a sua utilização. Como tal, o seu significado profundo, pouco varia. Portanto, o rito poderá ter como função revelar as representações e valores da sociedade, como também revelar o que caracteriza um grupo ou uma pessoa enquanto individualidade. Além disso poderá servir também para resolver conflitos, situações de crise e reproduzir as relações sociais. Este fenómeno, ajuda pois, a definir a identidade, a pertença, transmite segurança, integra o indivíduo no grupo, dá-lhe força para pertencer ao grupo, libertando-o da solidão, das suas pequenas manias e medos solitários.

1.8-RITOS NO DESPORTO

No mundo do desporto, poucos são os estudos que se referem aos ritos. Na revisão da literatura que realizámos somente seis autores abordam este tema.

Wunenburger (citado por Garcia) e Rahariosa (citada por Maisonneuve) abordam o tema de forma generalista. A. Costa e D. Morris, centram os seus estudos em relação aos ritos no futebol e J. Barata refere-se aos comportamentos de natureza supersticiosa e rituais em jogadores de Andebol do sexo masculino.

Contudo, apesar da escassez de estudos no campo desportivo, são inúmeros os testemunhos de práticas rituais impregnadas de simbolismo. Pode-se dizer que esta actividade física é toda ritualizada, desde as regras, ao equipamento, passando pelas características que o próprio jogo assume. Esta ideia é também apoiada por Rahariosa e por Barata.

Baseando-se na sua investigação, quase concluída, Rahariosa acrescenta ainda, que todas as práticas que têm como objectivo o progresso e o sucesso do próprio desporto, estão mais ou menos carregadas de elementos simbólicos. Esta investigadora, verificou que a preparação individual dos indivíduos para o treino obedecia a uma determinada sequência e ritmo, denominando-a de rito de purificação por englobar diversos sacrifícios (esforços, privações e por vezes sofrimento). No entanto, se tal preparação se estendesse a todo o grupo, denominava-o de rito de agregação.

Reconhece também, que a carreira desportiva é pautada de transições fruto das classificações por categorias (escalão) em função da idade do atleta, as quais considera, semelhantes na vida social a uma iniciação, a que se segue uma promoção, as quais as denominou de ritos de transição. Considera também, que o equipamento e as cores do mesmo, ao serem partilhados pelo clube e pelas diversas equipas do mesmo, servem não só como elemento de distinção perante os adversários como também de elemento de identificação tanto do próprio grupo como dos adeptos, identificando ainda, no recinto do jogo, rituais de abertura e de encerramento tais como: entrada no recinto de jogo, apresentação das equipas, saudação, tiro de partida e entrega de prémios.

Barata, defende que as práticas ritualistas não se confinam a um espaço único, tal como Rahariosa, acrescentando no entanto, que estas se distribuem também pela zona de acesso ao campo e no que se refere ao tempo, podem acontecer momentos antes do jogo, no jogo propriamente dito e até mesmo dias antes do mesmo. Quanto à frequência da sua ocorrência, concluiu que o balneário é o local de “culto” eleito pela

maioria dos atletas e o recinto de jogo, o segundo local escolhido. Ainda no mesmo estudo, concluiu que todos os atletas sondados manifestavam uma enorme fé nos seus números da sorte e que os guarda-redes, eram os principais jogadores a relacionar as suas boas exibições ao equipamento.

Em relação à transição do local de preparação para o jogo e o recinto onde este se desenrolará, verificou que os comportamentos mais evidentes, a que chamou de rituais de entrada, eram os actos de benzer, beijar o dedo da aliança e de entrar com o pé direito. Já no recinto de jogo e indo contra o regulamento da modalidade, observou também que muitos atletas recorriam ao uso de amuletos, como fios e pulseiras.

Já nas sociedades tribais, era usual recorrer-se ao grito face a situações de perigo inesperado, bem como na predição da guerra e na previsão do combate. Por sua vez, o grito, está associado a condutas mais ou menos agressivas ou comportamentos que não implicam confronto físico e que, segundo Titiev, têm como função eliminar tensões sócio-culturais, sem qualquer violência física. Assim, sendo o grito composto por palavras ou expressões próprias, facilmente se percebe que o mesmo evidencie as características de cada tribo através da adopção de uma linguagem secreta, verdadeiramente codificada permitindo deste modo a afirmação do grupo no seu conjunto.

No campo desportivo, Barata, verificou que todas as equipas tinham como hábito realizar o grito, sobretudo antes do jogo, tendo como função unir o grupo e motivá-lo para o jogo. Também no término do jogo, a maioria das equipas voltam-no a repetir. Já no balneário, este investigador identificou também alguns rituais praticados por alguns atletas, nomeadamente no uso repetitivo do mesmo champô ou do sabonete.

Segundo Wunenburger, analisar o fenómeno desportivo implicará reflectir sobre o mito, visto que as proezas desportivas imitam ou substituem os ritos arcaicos sagrados, ou seja, a realização de rituais desportivos, como a sua periodicidade, a festa que origina, contribuem para que o Homem compreenda a sua existência e forma de estar.

Já Costa, entende que o futebol é uma festa denominando-o de ritual festivo. Considera que o próprio jogo se assemelha a um combate, que pressupõe sacrifícios, sendo a derrota semelhante à condenação à morte.

No entanto, Morris para além de se centrar nos rituais no futebol como Costa, teve também como objectivo identificar os períodos temporais de maior ocorrência dos mesmos. Assim, baseou-se no dia do jogo, na manhã do jogo, a caminho do jogo, nas

cabinas, no túnel e no recinto do jogo, estes três últimos também referidos por Barata como já salientámos. Ainda na sua obra “Tribo do Futebol”, refere-se ao golo como o momento principal do jogo, denominando-o de rito principal.

Assim, no desporto, face à necessidade de aderir ao grupo e de pertencer a determinado clube facilmente se compreende que muitos atletas adiram a determinado conjunto de ritos. Assim, os rituais podem exprimir-se de diferentes maneiras tais como: vocabulário especial, fórmulas gestuais e comportamentais utilizadas na competição desportiva (gritos especiais, entrar com o pé direito, amuletos, mascotes, feitiçarias e comportamentos de grupo realizados em sequência organizada).

Em muitas modalidades, são inúmeros os atletas que acreditam na relação causal entre os seus actos e o bom resultado que obtém, a ponto de não prescindirem deles, sob pena de entrarem inibidos, ou pior, derrotados na prova.

No entanto, além de ritualizado, o desporto tem uma forte componente de sorte e azar, pois há forças incontrolláveis que podem influenciar o resultado, tal como uma escorregadela, uma bola na trave, a lesão, etc. Se se acreditar que há forças capazes de influenciar os acontecimentos em geral, então estamos diante de um caso de superstição. A superstição “é uma tendência para relacionar acontecimentos com causas sobrenaturais” (Chaplin, J. 1981). No entanto, apesar de irracionais, condicionadas ou reforçadas, ou crenças religiosas, as superstições funcionam, pelo menos no desporto.